

REPENSANDO O ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA E SEUS MÉTODOS PARA A SALA DE AULA

Julia Moreira Uehara (UEL)

RESUMO: A partir deste trabalho buscou-se compartilhar a experiência do estágio obrigatório do terceiro período de Letras Vernáculas realizado no Colégio Estadual José de Anchieta em Londrina localizada, Paraná. Em razão das aulas de gramática, especificamente sobre coordenação, notaram a dificuldade e o desinteresse dos alunos com essa matéria. Além disso, depois de ter corrigido e avaliado suas redações, cujo gênero era conto, observou-se também grande dificuldade para elaborar parágrafos, períodos compostos, empregar conjunções e pontuar adequadamente e entre outros conceitos que uma aula de coordenação aborda e que foi trabalhado em sala. Dessa forma, o artigo busca refletir, a partir de duas produções textuais dos alunos, se os modelos tradicionais de se ensinar gramática normativa são os mais adequados e eficazes para os alunos entenderem tal matéria. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, procurou-se desenvolver críticas sobre as diferentes formas de se ensinar gramática, assim como sugestões para se melhorar cada vez mais o ensino desse conteúdo em sala de aula, uma vez que como foi constatado, o desinteresse dos alunos pela matéria, entendendo-a como conjunto de normas abstratas e distante de suas realidades.

PALAVRAS CHAVE: gramática normativa; ensino tradicional; produção de texto;

1. Introdução

O presente artigo faz referência ao estágio realizado no Colégio Estadual José de Anchieta, escola pública localizada no centro de Londrina no estado do Paraná. Observou-se que a escola apresenta boa estrutura física, com carteiras e lousa bem conservadas, assim como a própria estrutura física da sala de aula. Nela há dois aparelhos de ar condicionado, ventiladores e televisão novos, tudo funcionando. Além disso, os alunos contam com sala de multimídia, com equipamentos tecnológicos; nela os mesmos podem ver filmes e aulas projetadas com uma boa imagem e som, de modo bem confortável. Diariamente é feita a limpeza das salas, para o melhor usufruto dos estudantes. Porém, nota-se o excesso de carteiras das salas de aula, concentrando muitos estudantes em um mesmo ambiente. Dificultando, portanto, o trabalho do educador, que não consegue dar atenção devida para cada um, afetando conseqüentemente, o rendimento dos alunos.

A partir desta pesquisa, buscou-se argumentar como as aulas tradicionais de gramática (lousa e repetição de exercícios) não funcionam para que os alunos possam entender conceitos

da gramática normativa. Após as aulas de coordenação, observa-se a falta de interesse dos alunos por parte da matéria, e constata-se a partir de suas redações, as dificuldades dos mesmos para elaborar períodos compostos, colocar conjunção adequada, mecanismos de coesão e pontuação devida, matéria ensinada durante o estágio. Além de desenvolver as ideias do texto de maneira coerente.

O estágio foi uma das exigências requerida pelo terceiro ano do curso de Letras Vernáculas na UEL, a escola escolhida para o estágio foi o Colégio Estadual José de Anchieta. Realizei o estágio na turma do nono ano e em duas classes dessa (9ª e 9ºB), totalizando dez aulas de observação, dez aulas de participação junto com o professor e mais vinte aulas de regência, sob a supervisão do professor de sala, concluindo o estágio em um mês. Trabalhei em meu plano de aula o conteúdo de orações coordenadas, expondo as definições de oração, período, verbo, orações coordenadas e seus tipos, empregando sempre muitos exemplos na lousa.

A experiência com meu estágio foi bastante positiva, através dela consegui sentir a responsabilidade que é ser professor, preparando aulas cautelosamente, preocupando sempre em expor o conteúdo da maneira correta e mais didática possível. Pude compreender também as dificuldades de tal profissão, que muitas vezes é afetada pela falta de interesse dos alunos, dificultando a transmissão dos conteúdos por parte do educador. Ter conhecido os alunos e ter participado rapidamente do processo de aprendizagem desses foi muito satisfatório e enriquecedor.

2. Fundamentação teórica

O que muitas vezes acontece nas escolas, nas aulas de Língua Portuguesa, é pensar o ensino de língua materna como sinônimo de ensinar, com o professor passando, muitas vezes, intermináveis exercícios de repetição de enunciados, separação de cada elemento da oração a fim de classificá-los ou fazer com que o aluno decore as classes gramaticais com o intuito de ensinar-lhes como escrever e falar português da maneira correta. Porém, o que muitos professores esquecem é que realizar uma aula normativa e tradicional de classes gramaticais não é garantia que o aluno seja competente para usar a língua culta.

Assim, segundo Bagno (p. 109, 2007):

Quando alguém se matricula numa auto-escola, espera que o instrutor lhe ensine tudo o que for necessário para se tornar um bom motorista, não é? Imagine, porém, se o instrutor passar onze anos abrindo a tampa do motor e explicando o nome de cada peça, de cada parafuso, de cada correia, de cada fio; explicando de que modo uma parte se encaixa na outra, o lugar que cada uma deve ocupar dentro do compartimento do motor para permitir o funcionamento do carro e assim por diante... Esse aluno tem alguma chance de se tornar um bom motorista? Acho difícil. Quando muito, estará se candidatando a um emprego de mecânico de automóveis... Mas quantas pessoas existem por aí, dirigindo tranqüilamente seus carros, tirando o máximo proveito deles, sem ter a menor idéia do que acontece dentro do motor? (BAGNO, 2007, p.109)

Dessa maneira, para o aluno entender a usar a variedade culta da língua, a metodologia de reproduzir, separar ou retirar trechos de textos para classificar cada palavra ou oração pode não ser a mais correta, tornando a atividade de ensinar gramática normativa para os alunos totalmente cansativa e entediante, já que não corresponde a realidade do contexto de fala deles.

O que muitos linguistas vêm concluindo é que, ao invés de se propor uma aula tradicional de gramática (com exposição do assunto, com os alunos copiando o conteúdo e depois analisando sentenças) os professores proponham que os mesmos façam textos variados, levando-o a entender o sentido global do texto e que mecanismos são responsáveis por dar esse mesmo sentido. Assim, segundo Brandão e Vieira (2014):

O reconhecimento das diferenças entre as normas da fala e escrita, das diferenças entre os vários textos, literário, jornalístico, científico etc... irá contribuir para tornar o falante mais capaz de se situar no mundo. É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca.(BRANDÃO; VIEIRA, 2014, p. 28).

Assim, os professores deveriam permitir mais que os alunos pudessem se expressar na escrita, percebendo por si as diferenças entre os gêneros textuais e as diferenças entre linguagem escrita e falada; dessa maneira o aluno visualizaria também os recursos gramaticais que alteram em cada contexto textual, através dos sentidos que cada texto evoca. Ainda, argumentam Brandão e Vieira (2014):

A prática da leitura e da escrita será fundamental para atingir os objetivos, pois fará com que o indivíduo entre em contato com uma pluralidade de normas, além de sua própria. Quando se fala em "usar melhor", pode-se

pensar em ser capaz de usar a chamada norma culta padrão, mas também pode-se pensar apenas em eficácia comunicativa. O ensino da língua deveria centrar-se menos em exercícios gramaticais, de ensino de metalinguagem e mais em possibilitar ao aluno o domínio das várias modalidades de uso e da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. (BRANDÃO; VIEIRA, 2014, p. 28).

Assim, conforme Brandão e Vieira (2014) os professores devem, antes de entrar em sala de aula, estar cientes de alguns saberes envolvidos no ensino de Língua Portuguesa. O primeiro é o saber linguístico do falante, que é compartilhado por sua comunidade ou região. Lembrando que todo grupo constrói sua própria ideia de linguagem, que é reflexo de sua identidade. O segundo saber é descritivo/prescritivo, que é o saber próprio da gramática tradicional. E o terceiro conhecimento é o estudo de diferentes linhas de gramática, estruturalistas, funcionalistas, gerativistas, dentre outras. Esse saber o professor opera, segundo os autores, para resolver impasses que a gramática tradicional não consegue explicar, não sendo necessário o professor expor para os alunos.

Dessa forma, levando em conta os saberes gramaticais, toda vez que o professor se deparar com uma pergunta: "isso está certo?", ele deverá se perguntar: "Como os falantes falam?", "O que diz a gramática tradicional?" e "O que dizem as pesquisas linguísticas?".

Importante ressaltar que, para o aluno compreender um texto, existem outros recursos que necessita saber para além do conhecimento gramatical, por exemplo: conhecimento de mundo (permitindo o texto apresentar conhecimentos implícitos e pressupostos, cabendo ao aluno fazer interpretações coerentes); conhecimentos dos recursos de textualização (como devo organizar meu texto a fim de deixá-lo mais coerente possível); conhecimentos de normas sociais de uso da língua (quem pode falar, o quê, como, com quem e quando).

Portanto, para Antunes (2007): "ser comunicativamente bem-sucedido é mais que uma questão de saber gramática, de saber analisar frases e reconhecer funções sintáticas de seus tempos". (ANTUNES, 2007, p. 64).

Assim, para a escola avançar para além da gramática, ela poderia abordar: estudo do léxico da língua (contemplando as relações entre uma palavra com outra ou de uma palavra com eventos e valores culturais); exploração do valor metafórico e metonímico de uma expressão; observação do funcionamento das palavras, da coesão do texto; trabalho com neologismos e estrangeirismos (e suas repercussões interculturais); exploração das

propriedades do texto (recursos de intertextualidade, coesão e coerência, gêneros textuais...); e também exploração do comportamento linguístico do enunciador e do enunciatário.

Segundo Antunes (2007):

Um programa de estudo da língua que incluísse as regras de textualização seria bem mais amplo, e bem mais relevante, do que aqueles que perpassam (em todas as gramáticas) a série das classes gramaticais e de suas sintaxes, culminando, numa espécie de apêndice de concessão com as figuras de linguagem. (ANTUNES, 2007, p. 68).

Travaglia (1996) nos questiona: "Para que se dá aula de uma língua para seus falantes?". Primeiramente, alega o autor, para desenvolver a competência comunicativa dos falantes, permitindo a eles empregar adequadamente a língua em diversas situações de comunicação, sendo o usuário capaz de gerar sentenças linguísticas gramaticais e de produzir e compreender textos. Assim, Travaglia(1996) argumenta que:

Se deve propiciar o contato e o trabalho do aluno com textos utilizados em situações de interação comunicativa o mais variadas possível. Portanto, se a comunicação acontece sempre por meio de textos, pode-se dizer que, se o objetivo de ensino de língua materna é desenvolver a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação. (TRAVAGLIA, 1996, p. 19)

O ensino de gramática deveria sim, pautar-se na correção da linguagem dos alunos e no ensino de habilidades linguísticas corretas. Porém, também deveria valorizar os conhecimentos que os alunos já têm da linguagem e ensinar-lhes como esta varia para cada contexto e cultura, explorando a diversidade linguística. Travaglia acrescenta: "aumentar os recursos que possui e fazer isso de tal modo que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas". (Halliday, McIntosh e Stevens, 1974:2776 apud Travaglia, 1996, p. 40).

Nas aulas há uma ausência quase total de atividades de produção e compreensão de textos. Observa-se também uma concentração muito grande no uso de metalinguagem no ensino de gramática teórica para identificação e classificação de categorias, relações e funções dos elementos linguísticos, o que caracterizaria um ensino descritivo. A maior parte do tempo das aulas é gasta no aprendizado e utilização dessa metalinguagem, que não avança, ano após ano, se insiste na repetição dos mesmos tópicos gramaticais: classificação de palavras e sua flexão, análise sintática do período simples e composto a que se acrescentam ainda noções de processos de formação de

palavras e regras de regência e concordância, bem como regras de acentuação e pontuação. (TRAVAGLIA, 1996, p. 102)

Neves descreve a situação de ensino de gramática em nossas escolas em 1990, em uma pesquisa feita com 170 professores de 1º e 2º graus no estado de São Paulo. Conclui que 50% dos professores entendem que o ensino da gramática serve para ter uma melhor comunicação, ter um bom desempenho comunicativo. E 30% dos professores entendem que serve para o conhecimento de normas e regras, e cerca de 20% entende que a gramática serve para ter um conhecimento melhor da língua. Por fim, menos de 1% declarou que dão aula de gramática só para cumprir o programa.

Dessa maneira, a proposta é também trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não só em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação. Assim, passa-se a ver como integrando a gramática a tudo o que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos em situações de interação comunicativa e não só o conhecimento de alguns tipos de unidades e regras da língua restrita aos níveis morfológico e sintático. (TRAVAGLIA, 1996, p. 109)

Dessa forma, conclui-se que as escolas têm passivamente transmite a gramática para os alunos, seguindo modelos já estipulados, como se vê em exercícios com enunciados: siga o modelo ou pede-se: Qual é o nome do texto? Personagens principais? Pedindo aos alunos para retirar frases, classificá-las, dividir as sílabas, circular ditongos ou passar a frase para o plural, isolando o sentido global do texto e ignorando os gêneros a que pertencem. Desvalorizando, assim, a interação verbal e linguagem como prática social. E como resultado disso, os jovens e adultos não conseguem escrever bons textos, organizando suas ideias, como se observa na nossa realidade.

Enquanto a escola não entender que ensinar gramática não é ensinar língua, ela vai estar reduzindo as diferentes tipologias textuais e formas de comunicação. Ainda, os alunos precisam entender a função da gramática, para que ela serve e onde vão utilizá-la, somente assim seu ensino terá significado.

Segundo, Waal (2009, p.10):

As atividades propostas não visam a formação crítica da criança, situação comprovada nos questionários de análise dos textos propostos, as quais para

serem respondidas não exigem da criança a análise, reflexão e compreensão do texto. As respostas são óbvias é só seguir a ordem do texto que as respostas estarão ali, todas uma abaixo da outra, cabendo ao aluno apenas transcrevê-las no caderno.

3. Relato da experiência de estágio

Em minha experiência com o estágio, trabalhei com aulas de gramática, especificamente, o conteúdo de orações coordenadas e respectivas conjunções, expus o conceito de verbo, oração, período simples e outros conteúdos que imaginei serem necessários para os alunos entenderem a matéria de coordenação antes de ser ensinada. Assim, coloquei a teoria na lousa, acompanhada de alguns exemplos. Posteriormente, trabalhei com exercícios em lousa, deixei-os algum tempo fazendo e depois corrigimos juntos.

Logo que iniciei a matéria, notei que os alunos demonstraram grande desinteresse do assunto, muitos o acharam complexo e abstrato, acredito que não compreenderam a finalidade da aula.

Seguem agora exemplos de duas redações ilustrando a dificuldade dos alunos de organizar períodos compostos, analisarei as redações sob a perspectiva de empregar conjunções adequadas para manter o sentido, a capacidade dos alunos para separar parágrafos conseguindo finalizar suas ideias principais, sem ambiguidade e repetições e o emprego adequadamente da acentuação e pontuação. Esses conteúdos foram selecionados uma vez que fazem parte do assunto da coordenação e da elaboração de um bom texto.

A primeira redação recebe o título de: " O Futuro é inevitável", analisando gramaticalmente, nota-se que o aluno realizou toda a redação somente em um parágrafo e em uma só frase. Ou seja, o estudante não utilizou ponto final e prosseguiu com todas suas ideias separando-as por vírgulas. Ainda, nota-se a dificuldade de colocar adequadamente a pontuação, como no caso:

"Destruí todo o futuro utilizando uma máquina que eu mesmo criei, um óculos capaz de ver o futuro e o passado através de sua lente, eu estava muito animado, coloquei o ano que eu queria ver, nesse caso...".

Como se trata de um período só, as frases mostram-se confusas, misturando as ideias, ações e impressões do narrador na mesma sentença, não havendo conjunções também.

Quanto à ortografia, não há muitos problemas, apenas alguns casos de falta do acento como: "facil", "Russia", "destruido" e "destrui".

Depois, temos a segunda redação, nomeada: " A menina que conseguiu voltar ao normal". Alguns erros de ortografia foram observados, como: "entro", "encontro", "derramo", "invensoes", "deramando", "pidirem", "antidotu", "posível", "escultando", "tenque", " vai vim", "viajem", " Holá", "contenti", " Ata", "Buscar nós", e entre outros.

Nota-se a dificuldade de organizar períodos simples, fazendo frases muito longas. Como: "Finalmente Pietro encontro um colega perto da casa dele para pedir ajuda ele se chama Jefferson (...) tenho logo que falar com ele". Ainda, nota-se que nesse trecho não há conjunção também, compilando muitas ideias somente em uma frase, não havendo uma pontuação adequada. Além do pronome " ele" se mostrar muito repetitivo.

Outro trecho que exemplifica o mau uso de conectivos e do português padrão é: " Heli quer saber se ela poderia ajudar a fazer alguma coisa e seu pai disse que não era possível ela ajuda por causa que estava invisível e você não sabe os nomes das experiência".

E por fim, no trecho : "Moro no Brasil, no Paraná em Londrina". Demonstra mais uma vez a dificuldade do aluno em separar através das conjunções e pontuações suas ideias, contribuindo para uma boa organização do texto.

Segue-se agora uma das páginas das duas redações comentadas, a primeira: " O Futuro é inevitável" e a segunda: " A menina que conseguiu voltar ao normal".

O futuro é invernal

2/5

Meu nome é Mark sou um cientista renomado e destruí todo o futuro utilizando uma máquina que eu mesmo criei, um óculos capaz de ver o futuro e o passado através de seu lente, eu estava muito curioso, coloquei o óculo que queria, nesse caso 233 milhões de anos atrás no famoso época das dinossauros, quando coloquei os óculos fiquei maravilhado com o que eu vi, claro ver dinossauros através de um óculos não significa que posso ver o futuro, mas como um bom cientista configurei o óculos para ver 1 dia no futuro e tudo que vi se confirmou, fiquei impressionado, decidi que seria melhor esconder a invenção, após várias pequenas testes decidi colocar 5 anos no futuro, ou seja, 2103, quando coloquei os óculos tudo estava destruído não havia ninguém mais ruínas, casas ou lojas, comecei a andar e procurar algo que pudesse explicar esse acontecimento, fiquei horas procurando até que em um pequeno bunker havia uma televisão falando sobre uma terceira guerra mundial em que quase todos os países foram dizimados e somente um sobreviveu, e esse país era a Rússia, imediatamente tirei os óculos e tentei fazer contato com o presidente dos Estados Unidos, minha ideia era mostrar para o presidente o que iria acontecer no futuro e com isso mandar explodirem bombas na Rússia, como sabia que não seria fácil falar com o presidente comecei a fazer posts pessoais de coisas que ele guardava o seu diário, com o tempo meus posts ganharam fama e chegaram ao presidente, através de uma mensagem anônimo fui convidado a ir a um bar já fechado há anos, eu sabia (com 100% de certeza) que era do presidente, então resolvi ir, chegando lá vi o presidente com uma

redundante

/ /

amigos químicos?

- Bem, até posso perguntar a eles, mas eles moram muito longe!

- Papão tem alguém da família que tem isso? Ou amigos perto!

- filha, vou ver na minha agenda!

Pietro foi logo no seu armário¹ para pegar a agenda para poder olhar no telefone do seu celular. Foram muitas páginas de colegas e amigos além de endereços² deles para ver onde eles estão morando para pedir¹ ajuda um para outro.

Finalmente Pietro encontra¹ um colega perto da casa dele para pedir¹ ajuda. Ele se chama Jefferson. O telefone dele é 96706-2597 [tanto que falar logo com ele], Pietro foi logo pegar o seu celular para poder achar o endereço. Pietro liga!

- Alô, é Jefferson?

- Alô, quem é?

- Sou o Pietro, lembra de mim?

- Acho que sim!

- Preciso de ^{uma} ajuda sua com ^{um} antídoto¹.

- O que aconteceu? Qual antídoto¹?

- Bem, minha filha foi no meu laboratório e acidentalmente deixou⁴ uma das minhas experiências¹ e está ficando insuportável. Você

4. Considerações finais

Conclui-se dessa maneira para a falta de interesse dos alunos pela disciplina da gramática, principalmente abordada da maneira tradicional, os alunos passam a não compreender suas regras e normas, identificando-as como muito abstratas e longe de sua realidade. Alguns alunos até conseguiam resolver os exercícios passados na lousa, junto comigo e com as explicações, porém logo em seguida não conseguiam colocar na sua prática, na suas produções de textos. Não identificando a matéria passada com seu dia a dia. Dessa maneira, resulta para as dificuldades gramaticais encontradas em seus textos, não conseguindo organizar suas ideias e muito menos, se expressar no papel.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura (1990). **Gramática na escola**. São Paulo, Contexto.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.

VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

WAAL, Daiane. **Gramática e o ensino da língua portuguesa**. In: IX Congresso Nacional de Educação- EDUCARE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia , 2009.